A photograph showing a flooded area. In the foreground, the side of a white boat is visible, with a black outboard motor labeled '150' and 'EQUIPMENT'. The water is murky and reflects the overcast sky. In the background, there are trees and a fence line, suggesting a coastal or urban area that has been inundated.

**QUANDO OS DIQUES DA CIDADE
FORAM INUNDADOS, UMA EQUIPE
COMANDADA COM OUSADIA POR
PAI E FILHO SALVOU 120 VIDAS**

POR DEREK BURNETT

Barco vidas

FOTOGRAFADO POR RUSH JAGOE

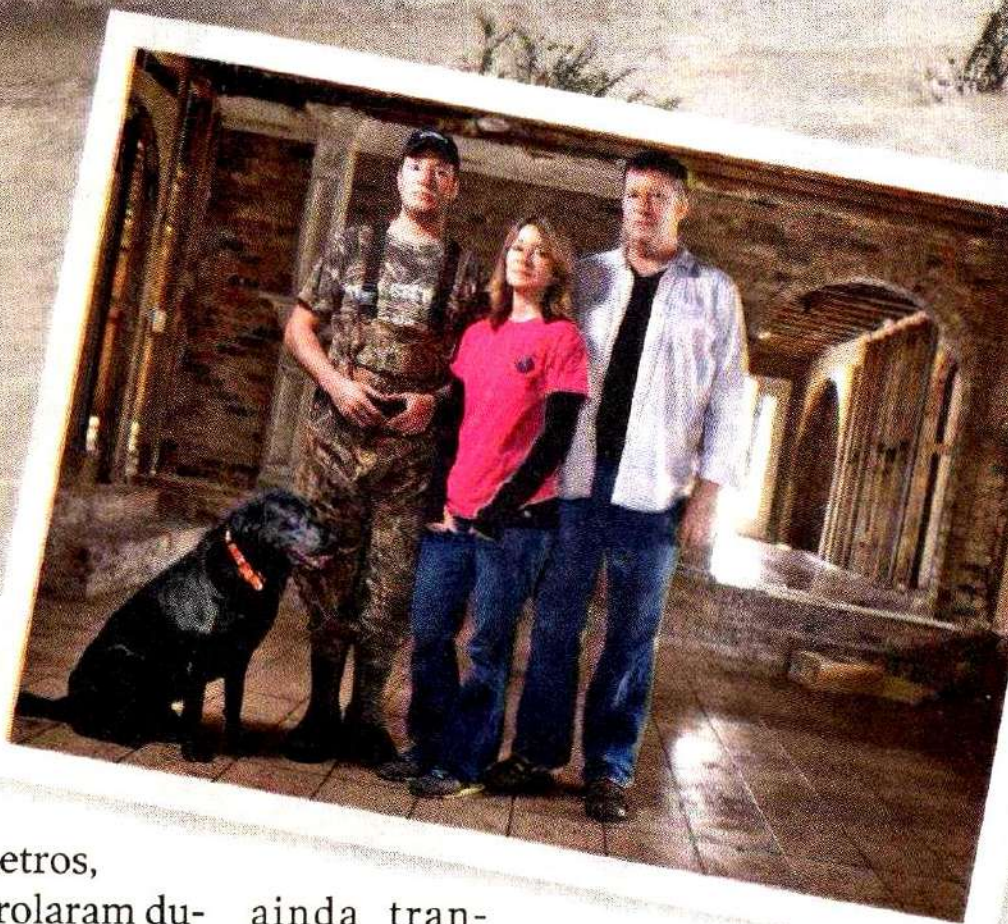
A cidade de Nova Orleans não fica na embocadura do Rio Mississippi, como se costuma pensar. O rio continua uns 160 km a sudeste da cidade, com uma série de curvas onde charcos e pântanos cobrem a várzea arborizada, antes de finalmente desaguar no Golfo do México. A comunidade de Braithwaite fica ali, em meio à miríade de lagos e enseadas, e faz parte do condado de Plaquemines. A área, uma faixa de terra com quase 30 km de extensão e uns três de largura, na margem leste do Mississippi. Por causa da localização precária e da topografia pantanosa, a margem leste do condado é cercada de diques. Ou seja: em essência, Braithwaite é uma enorme banheira. Se o rio transborda dos diques, a cidade é inundada. Na noite de 28 de agosto de 2012, foi exatamente isso que aconteceu.



A água atingiu 2,5 metros de altura em apenas meia hora e chegou a cobrir 500 casas e prédios comerciais. (À direita) Little Jesse com os pais, Suzanne e Big Jesse, e o cão Bud no que sobrou de sua casa.

19h O furacão Isaac, de categoria 1, lançou-se sobre a Louisiana, exatamente em Plaquemines, e se recusou a sair dali. A ressaca do golfo vizinho avançou implacável pelo pantanal, transbordando dos diques a leste e engolindo casas, carros e ruas. Durante o furacão Katrina, sete anos antes, partes da margem leste ficaram cobertas por dois metros de água. Com o Isaac, em certo momento, no período de apenas duas horas, a maior parte da margem leste ficou debaixo de 3,5 a 5,5 metros de água.

A tempestade chegou tão depressa e com tamanha fúria que inutilizou a maior parte do equipamento de res-



gate dos bombeiros e da polícia da margem leste. Ao longo de todo o trecho de 30 quilômetros, cenas dramáticas se desenrolaram durante aquela noite horrível: pessoas de todas as idades subindo desesperadas em sótãos, telhados e árvores. Os dois mil cidadãos de Braithwaite e das cidades vizinhas estavam entregues à própria sorte, pois a guarda costeira considerara as condições do tempo arriscadas demais para o resgate.

Meia-noite “Big” Jesse Shaffer e o filho “Little” Jesse dirigiam o mais depressa possível pela única estrada

ainda transitável para sair da cidade. Ela passava pelo alto de um dique de terra e levava ao distrito vizinho de St. Bernard, relativamente seco. Big Jesse, 54 anos, marceneiro aposentado e pescador profissional, e Little Jesse, 25, enfermeiro e bombeiro voluntário, agora eram refugiados, junto com centenas de outros cidadãos de Braithwaite que já tinham fugido.

Após cruzar o limite do condado, os Shaffers saíram da estreita estrada

do dique e estacionaram onde havia um grupo de vizinhos. Então Big Jesse notou que faltava um casal e lembrou que, ao passarem, tinha visto o carro deles na entrada da garagem. Provavelmente ainda estavam em casa.

Big Jesse e o cunhado, Lanny Lafrance, 51 anos, também pescador profissional, pegaram emprestado o barco de cinco metros do amigo Lonnie Serpas, saíram do dique e voltaram para resgatar os vizinhos.

2h-3h Natasha Morgan, 32 anos, e Domingo De Los Reyes, 33, tinham decidido enfrentar o furacão em casa. De madrugada, Natasha acordou de repente e correu para o andar de baixo. A água se infiltrava pela porta da frente. Ela subiu de volta correndo e acordou Domingo. Quando ele desceu, a geladeira boiava na água que já chegava à cintura. Então o celular de Natasha tocou. Era Big Jesse: “Estamos a caminho.”

Com a ajuda de uma lanterna, Big Jesse e Lafrance seguiram cautelosamente pela tempestade que uivava. Nenhum deles já passara por uma situação daquelas. Ventos de 130 km/h erguiam as águas da enchente em ondas de dois metros que ameaçavam virar o bote. A escuridão em volta era um labirinto de perigos: troncos de árvore, fios elétricos, postes, telhados. Debaixo deles havia outras mil ameaças: caminhões e placas de trânsito submersos, detritos flutuantes. Com a chuva horizontal a cair sobre o rosto e os olhos, eles manobram pelo caminho até Braithwaite.

Quando avistaram o barco, Natasha e Domingo se espremeram por uma janelinha minúscula até o telhado da casa. “Obrigada, obrigada, obrigada”, repetia Natasha. A água estava tão alta que eles só precisaram dar um passo para sair do telhado e entrar no barco.

Enquanto isso, Little Jesse, sentado na picape ao abrigo do tempo, postou pelo celular uma mensagem no Facebook: “Temos um barco. Mandem nomes e endereços.” Em minutos, as mensagens começaram a chegar: “Rua Oak, 223. Homem, namorada e um bebê!” “Rua Oak, 410.” “Autoestrada 39, 7.965. Não tenho notícias desde que ele foi para o sótão.” Little Jesse transmitiu as notícias desanimadoras quando o pai voltou com Natasha e Domingo.

– Cinco pessoas com um bebê presas num telhado na travessa – gritou Little Jesse, lendo no celular.

O pai e Lafrance partiram de novo para o redemoinho. Pouco tempo depois, voltaram com uma família. Laurielle Authement, a jovem e abalada mãe, desembarcou no dique com o bebê de 4 meses no colo.

Martin Johnson Jr. e Everett Cook viviam um pesadelo particular em Braithwaite. Os dois funcionários do distrito ficaram trabalhando na estação de bombeamento até as duas da madrugada, quando o dique do pântano começou a ser encoberto.

Johnson pulou na picape, com Cook seguindo atrás. Mas ficaram presos pela água que subia. O único terreno

Jimmy Kamm, amigo dos Shaffers, fez vários resgates naquele dia em Braithwaite.

não inundado era o alto do dique propriamente dito. Eles se lançaram encosta acima. Quando as rodas atolaram na lama, pularam das picapes, pegaram um pneu sobressalente para usar como boia de emergência e subiram até o ponto mais alto do dique. Johnson ligou para o supervisor e pediu resgate. Ele e Cook esperaram, em pé, um de frente para o outro, agarrados ao pneu na chuva torrencial, observando a água engolir seus veículos e lhes subir até a coxa. Um passo em qualquer direção e seriam levados pela correnteza – e Cook não sabia nadar.

Então Cook sentiu alguma coisa:

– Martin, uma cobra!

Johnson jogou o facho da lanterna na água. Enrolada na perna esquerda de Cook estava uma cobra não venenosa listrada de preto e branco. Johnson a pegou e a jogou o mais longe que conseguiu.

Um minuto depois, o telefone de Johnson tocou. Era o supervisor.

– Estou fazendo o possível, Martin – disse ele.

– Não é culpa sua – disse Johnson. – Você sabe o que dirá aos meus filhos.

5h30 Lonnie Serpas, que emprestara o barco a Big Jesse, estava em



contato pelo rádio com o centro de operações de emergência do condado e soube da situação dos dois homens. Quando Big Jesse e Lafrance voltaram com a família Authement, Serpas pediu-lhes que buscassem Johnson e Cook.

6h Depois de passar umas quatro horas se equilibrando no dique sob as ferroadas da chuva, Johnson e Cook viram as luzes de um barco que se aproximava. Big Jesse pilotou por cima das picapes submersas e puxou para bordo os homens exaustos. Juntando as forças, Johnson olhou Big Jesse bem nos olhos e sussurrou: “Obrigado.”

6h30 A tempestade ainda era furiosa, a chuva não parava. Mas a luz do dia trouxe ajuda: Keith Billiot, membro da DEA (agência de combate



às drogas dos Estados Unidos), Jimmy Kamm, vice-chefe dos bombeiros, e Tracy Arcement, proprietário de uma empresa de aluguel de barcos, todos amigos dos Shaffers.

Billiot e Lafrance pegaram uma lancha que batera no dique com a chave ainda na ignição. Kamm trouxera seu barco, e Little Jesse embarcou junto com ele. Big Jesse continuou no barco de Serpas, agora com Arcement.

Cenas inusitadas passavam diante dos olhos dos salvadores: cavalos nadando, vagões de trem virados, gado no segundo andar de uma casa, construções arrancadas dos alicerces e deixadas na rua, um telhado com dois veados, um porco-do-mato e um homem aguardando resgate. Na

Cavaleiros na tempestade: Lonnie Serpas, Big Jesse Shaffer, o cão Bud, Jimmy Kamm, Tracy Arcement, Johnathan Ansalve e Little Jesse Shaffer.

primeira missão de Little Jesse, ele e Kamm salvaram uma família de cinco pessoas que berravam a plenos pulmões no ponto mais alto do trailer que servia de casa, faltando apenas meio metro para a água cobri-los totalmente. Era um mistério como os pais tinham conseguido pôr na parte de cima os três filhos pequenos, todos ainda de fraldas, além do cachorro da família.

Eles não pararam de trabalhar o dia inteiro. Uma família aqui. Um grupo

de 10 ali. Kamm e Little Jesse resgataram um homem de 70 anos preso no sótão e usaram uma machadinha de bombeiro para abrir caminho através do exaustor. Big Jesse e Arcement resgataram 10 trabalhadores migrantes que flutuavam em canoas dentro de um galpão metálico de armazenagem, com menos de um metro entre eles e o teto. Billiot e Lafrance libertaram uma família do sótão com o auxílio de uma motosserra, e, entre outros, resgataram uma mulher de 80 anos e alguns coelhos e galinhas.

19h30 Quando o sol se pôs no dia 29, todos os que precisavam tinham sido salvos. Duas pessoas morreram na margem leste, presumivelmente atingidas pela água enquanto dormiam. Mas, sem ajuda externa, os Shaffers e seus amigos tinham feito a limpeza do trecho de quase 30 quilômetros e resgatado 120 pessoas e dezenas de animais, inclusive um periquito numa gaiola.

O furacão Isaac destruiu todas as estruturas daquele trecho da margem leste, inclusive 500 residências e empresas. Muitos que, como os Shaffers, já tinham perdido o lar no

furacão Katrina preferiram não reconstruir em Plaquemines. Mas a sensação de comunidade continuou forte. Os distritos vizinhos doaram água engarrafada, alimentos e roupas, e Little Jesse e os amigos distribuíram as doações entre todos os que tivessem identificação do condado de Plaquemines.

Big Jesse também continuou a ajudar os vizinhos. Nos dias que se seguiram à tempestade, acordava pela manhã e aguardava no dique com um barco a fim de levar a Braithwaite quem quisesse ir buscar seus pertences. “A gente fica surpreso com a emoção que a pessoa sente ao recuperar uma bobagenzinha”, diz ele.

Big Jesse fez isso o dia inteiro, todos os dias, o rosto e os lábios queimados de sol, durante duas semanas. À noite, ao fechar os olhos, era assombrado pela expressão traumatizada daqueles que salvara. “Resgatei 60 pessoas e posso ver o rosto de cada uma, o medo que sentiam”, conta ele, a voz falhando.

Mas esses sonhos acabavam do mesmo jeito que na vida real. “Todos ficavam felizes”, diz ele. “Ficavam felizes de me ver.”

FORA DO FOCO

Como sempre gostei muito de animais, John, meu marido, vive caçoando de mim, pois os álbuns de fotografia estão repletos de fotos de bichos. Em nossas últimas fotos só se viam os bichinhos de estimação da minha irmã. John estava dando uma olhada nelas quando deparou com uma foto de minha mãe.

– O que houve aqui? – perguntou ele. – Ela ficou na frente do gato?

Lori M. Parks